



## Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medieval  
 Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages  
 Reche Ontillera, Alberto; Souza, Guilherme Queiroz de; Vianna, Luciano José (Eds.).

**Rilton Ferreira Borges<sup>1</sup>**

### As bases do saber nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha<sup>2</sup>

The Foundations of knowledge in the *Etymologies* of Saint Isidore of Seville

---

#### **Resumo:**

O presente artigo tem como objetivo debater quais seriam, na visão de Santo Isidoro de Sevilha, as bases e o caminho para se chegar ao conhecimento pleno. Para isto, utilizaremos os cinco primeiros livros das *Etimologias*, obra que visa compilar a totalidade do conhecimento disponível, partindo da hipótese de que os livros iniciais desta obra são uma espécie de introdução ao conhecimento pleno, expondo os conhecimentos básicos para se chegar à plenitude dos saberes. Conhecendo a estrutura destes cinco livros, podemos ter uma ideia de como a obra é estruturada em seu todo e qual o papel de cada saber na construção de um conhecimento que atinja a totalidade da Criação e aproxime os homens do conhecimento do Criador.

#### **Palavras-Chave:**

Santo Isidoro; conhecimento medieval; Etimologias.

#### **Abstract:**

The purpose of this study is to discuss what would be, in St. Isidore of Seville's view, the foundation and path to reach Universal knowledge. For this, we utilized the first five books of the *Etymologies* – works whose purpose was to compile the totality of the available knowledge. These works have been hypothesized to be the earliest books to serve as an introduction to Universal knowledge. Using this introduction to Universal knowledge allows exploration to reach True knowledge. From studying the structure of these five books, we now have an idea of how the entire work is structured. We are also enlightened as to the role of each knowledge in the construction of a knowledge that reaches the totality of the creation and makes mankind gets closer to the knowledge of the Creator.

#### **Keywords:**

Saint Isidore; medieval knowledge; Etymologies.

---

<sup>1</sup> Mestrando em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

<sup>2</sup> Artigo feito a partir do trabalho de conclusão de curso para a obtenção do título de bacharel em História pela PUC-SP em 2009, sob orientação do Prof. Dr. Álvaro Hashizume Alegrette.

## 1. Trajetória intelectual de Santo Isidoro de Sevilha

Podemos considerar que Santo Isidoro (560?-636) teve em sua formação uma espécie de “triângulo pedagógico” (Fontaine, 2002): a Biblioteca, a Escola e a Igreja. Estes três “lugares de saber” são fundamentais para sua educação. No mesmo sentido, seu irmão mais velho e tutor, São Leandro, é a pessoa responsável por esta formação “triangular”.

O mais velho dos quatro irmãos considerados santos pela Igreja Católica (Leandro, Fulgêncio, Florentina e Isidoro), São Leandro vivenciou o deslocamento de sua família de Cartagena a Sevilha, que provavelmente se deu por seu pai, Severiano, alto funcionário real, se recusar a servir o novo poder que ali se instalara: o Império Bizantino. Esta migração foi lida por sua mãe, cujo nome não temos certeza (provavelmente *Tortur*), como um êxodo particular, e esta leitura foi certamente transmitida a seus filhos. Como sua conversão ao cristianismo romano se deu após este deslocamento, a ideia de desígnio divino sobre este evento atuou de forma decisiva na formação de seus filhos, sobretudo no mais velho, Leandro, que logo viria a se tornar tutor dos irmãos mais novos. Portanto, Santo Isidoro, mesmo que provavelmente não tenha vivido este “êxodo” (cruzando diversas informações, é quase certo que tenha nascido já em Sevilha) (Díaz y Díaz, 2004) foi certamente marcado por esta “ação da providência divina” em sua família.

São Leandro foi abade num mosteiro de Sevilha, e é provável que neste mosteiro tenha se iniciado a formação de Santo Isidoro, numa escola monacal. Contudo, não podemos descartar a hipótese de que Isidoro tenha estudado em outros tipos escolas (Díaz y Díaz afirma que Isidoro estudou em uma escola episcopal), já que a situação do ensino na época e local é pouco conhecida. Há registros, inclusive, de um Bispo que fez reabrir uma escola municipal (Fontaine, 2002), e não há menção na *Regula* de São Bento, ainda matriz para os mosteiros em geral, de obrigatoriedade de uma escola, seja para os próprios monges ou para a população em volta.

É certo, porém, especialmente através do que podemos observar da gramática conservadora de Santo Isidoro nas *Etimologias* (Fontaine, 2002), que sua alfabetização, leitura e escrita seguem ainda modelos advindos da Antiguidade. É de grande importância em sua formação a leitura memorizada, inicialmente guiada, mas progressivamente autônoma, perceptível mesmo em suas últimas obras. Assim, podemos perceber que sua obra é, em primeira instância, um exercício de memória, retomando as leituras que fez ao longo da vida e ordenando-as de maneira lógica.

Borges, Rilton Ferreira.  
As bases do saber nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

Depois da escola, a biblioteca foi outro local importante para a formação de Santo Isidoro. Provavelmente foi a biblioteca do bispado de Sevilha o local em que teve contato com suas principais fontes. Sobre esta biblioteca, ainda que não tenhamos registros precisos a respeito de seu acervo, podemos supor que fosse muito vasta, em primeiro lugar por estar numa região portuária do Mediterrâneo, onde não apenas as mercadorias, mas as ideias circulavam com facilidade, sendo provável que muitas obras de diversos tipos ali chegassem. Outro ponto interessante é a amizade entre São Leandro e o Papa Gregório Magno, sendo provável que parte do acervo da biblioteca de Sevilha fosse de cópias da biblioteca de Roma.

A partir da obra de Santo Isidoro podemos conhecer a quais autores se refere, pois muitas vezes os cita diretamente. Mas, mesmo assim, é difícil distinguir os autores que conheceu diretamente, ou seja, teve contato direto com suas obras, dos autores que conheceu indiretamente, isto é, através de citações de outros autores. Em todo o caso, há um importante registro sobre as obras que provavelmente constavam na biblioteca de Sevilha: os *Versos*. Estes teriam sido escritos, provavelmente, para estar acima das arcas que continham os livros, de forma a organizar o acervo (Fontaine, 2002). Estes fazem referência às Sagradas Escrituras, às obras de Orígenes, aos quatro pais da Igreja latina (Hilário, Ambrósio, Agostinho e Jerônimo), a João Crisóstomo e Cipriano de Cartago. Depois há uma sequência que opõe os poetas clássicos Virgílio, Horácio, Ovídio, Pérsio, Lucano e Estácio ao quarteto de poetas cristãos Prudêncio, Avito, Juvenco e Sedulio. Em seguida, há referência aos historiadores cristãos Eusébio e Orósio, aos bispos Leandro de Sevilha e Gregório Magno; e sobre os juristas Teodósio (imperador Teodósio II), Paulo e Gaio. É sabido, também, que além dos autores cristãos, havia muitos escritos de autores pagãos, que tiveram igual importância na formação de Santo Isidoro, sendo que estes ficam mais claros ao se analisar, com cuidado, obras como as *Etimologias*. Estes autores pagãos, obviamente, foram lidos a partir de uma filtragem cristã, mas isto não diminui sua relevância para a formação de Santo Isidoro (Feldman, 2009).

Sobre a cultura religiosa, sua formação se deve, sobretudo, além da leitura da Bíblia, à liturgia das horas e às grandes festas do ano litúrgico (Fontaine, 2002). A própria vivência dos rituais católicos foi, para Isidoro, uma fonte de saber, junto às homilias, orações e hinos. Além de prática de sua crença, a vida religiosa foi também fonte de saberes e constituinte de sua obra. Além disso, em sua formação como clérigo, Santo Isidoro foi, aos poucos, configurando-se como sucessor de São Leandro, primeiro à frente do mosteiro de Sevilha, em seguida – provavelmente – como vigário na Diocese de Sevilha e, finalmente, como Bispo. É provável que como auxiliar de seu irmão tenha tido contato com pessoas ilustres em seu tempo e, certamente, ocupou-se de

Borges, Rilton Ferreira.  
 As bases do saber nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

tarefas de grande importância para sua Igreja, especialmente nos anos que precederam a morte de São Leandro.

Finalmente, para compreendermos o papel que a educação tem para Santo Isidoro, ainda que não tenha nenhum livro específico sobre o tema em suas *Etimologias*, precisamos refletir sobre o final do Livro 3, que encerra a exposição sobre as “Sete Artes” (*Trivium* e *Quadrivium*):

“Esta ordem das sete disciplinas seculares, do mesmo modo que conduziu desde os filósofos até os astros, assim também deve levantar os espíritos, entregues ao conhecimento humano das coisas terrenas, até situá-los na contemplação das que são eternas” (*Etimologias*, 3,71,41).

Este trecho nos permite compreender que, para Santo Isidoro, há uma orientação na busca pelo conhecimento, que parte do conhecimento material para o conhecimento das “coisas do alto”, em sentido cristão. Assim, podemos ter como pressuposto razoável que, desde o início de sua formação, Santo Isidoro teve uma espécie de projeto filosófico cristianizado, integrando os conhecimentos adquiridos dentro deste projeto (Fontaine, 2002). O conhecimento, podemos dizer, tem um sentido mais profundo: elevar o ser humano a um estado de contemplação da realidade como um todo. Este é o propósito de educação contido em sua obra e, provavelmente, o centro de gravidade de toda sua ação cultural; a partir desta chave de interpretação faremos nosso itinerário de análise da estrutura da obra.

## 2. Estrutura das *Etimologias*

Esta seção do artigo é um diálogo com o capítulo “*Un Tríptico Gramatical*” da obra de Jacques Fontaine, *Isidoro de Sevilla: Génesis y originalidad de la cultura hispánica em tiempos de los visigodos*. A partir deste capítulo, sobretudo dos trechos que tratam especificamente das *Etimologias* de Santo Isidoro, será discutida a estrutura da obra e alguns dos fundamentos teóricos que levaram a sua composição.

Primeiramente, é preciso destacar que a Gramática, no pensamento de Santo Isidoro, é um saber fundamental, ou como diria Feldman (2009), “a base da pirâmide” em seu projeto educacional. Esta informação pode ser interpretada de várias formas, mas aqui privilegiaremos o fato de que a palavra – que é, em última instância, o objeto de estudo da Gramática – é, para o cristianismo medieval, um elemento fundamental, já que pela palavra o mundo

Borges, Rilton Ferreira.  
As bases do saber nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

foi criado e redimido.<sup>3</sup> Sendo assim, o estudo da palavra pode ser encarado como o conhecimento primordial, sem o qual nada mais pode ser estudado.

O estudo das etimologias é, neste sentido, uma forma eficaz de se chegar à essência de um objeto, já que seu nome, ou seja, a palavra que a ele se refere, geralmente carrega sua essência, ou seja, sua função. É importante frisar que nem sempre a palavra que está ligada ao objeto revela sua essência, como observa o próprio Santo Isidoro, pois o homem pode conferir arbitrariamente um nome ao objeto que observa, sem levar em conta sua função. Mesmo assim, o estudo da palavra e a busca por sua etimologia (ainda que questionável e, em alguns casos, absurda, como podemos observar nas obras de Santo Isidoro) correspondem a um exercício de investigação sobre o objeto. Um exemplo interessante está no primeiro livro das *Etimologias*, *De Grammatica*, que no capítulo XXXVIII explica a origem da palavra “prosa” como vinda do latim *prosum*, “longo e reto”, ou ainda por ser “profusa”. Ambas são explicações improváveis, mas ajudam o leitor a se aproximar da prosa, que é um estilo literário mais longo e contínuo, cujas palavras se espalham sobre o papel (profuso), ao contrário da poesia, por exemplo.

Deste modo, fica claro o motivo de se chamar *Etimologias* uma obra de caráter enciclopédico. Ao se fazer o levantamento mais completo possível sobre o que existe no mundo<sup>4</sup>, faz-se necessário não apenas apontar, mas compreender aquilo que existe e, para isso, o melhor caminho é o estudo de cada nome. De forma alguma a obra se limita a explicações de nomes (o que acontece com o Livro X, que se dedica exclusivamente a buscar a etimologia de uma lista de palavras), mas usa os nomes como ponto de partida para cada explicação.

Esta tentativa de fazer uma espécie de “inventário do mundo” não foi uma invenção de Santo Isidoro. Este ideal pode ser encontrado, pelo menos, desde Aristóteles, filósofo que pretendeu buscar o conhecimento da totalidade das coisas existentes. Neste sentido, Santo Isidoro recorreu a autores cristãos e pagãos, de modo a torná-los semelhantes: aos autores cristãos conferiu autoridade científica, e aos pagãos, conferiu o *status* de “antigos” ao invés de “profanos”, o que fez com que seus saberes fossem vistos como diferentes e antigos, e não contrários ao cristianismo.

---

<sup>3</sup> O início do Evangelho de São João é, provavelmente, o melhor resumo do significado de “Verbo” para o cristão que, além de ser a vontade de Deus, torna-se o próprio Deus feito homem.

<sup>4</sup> “Mundo”, aqui, tem o sentido empregado por Santo Isidoro, como tudo o que existe na Terra e fora dela, não estando limitado ao planeta, que é parte do mundo.

Borges, Rilton Ferreira.  
As bases do saber nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

Sobre este ponto cabe uma reflexão maior. Santo Isidoro foi leitor assíduo de Santo Agostinho, conhecido por olhar a filosofia antiga sob uma ótica cristã. Fica claro, em diversos momentos de sua obra, que Santo Isidoro tem esta mesma prática. Para ambos os autores, o conhecimento antigo se assemelha ao conhecimento cristão, pelo fato de ambos buscarem a verdade e, portanto, ambos são igualmente válidos. Sendo assim, a única “vantagem” que os cristãos têm em relação aos antigos pensadores é o fato de terem a plenitude da Revelação Divina através das Escrituras. Sendo assim, os cristãos podem recorrer aos antigos e perdoar seus possíveis equívocos, pois estes não conheciam a Revelação e, além disso, usar seus saberes sob a luz das Escrituras, ajudando mesmo a compreendê-las melhor. Desta forma, Agostinho pôde reaproveitar a filosofia de Platão, Tomás de Aquino a de Aristóteles e Santo Isidoro a metodologia de Varrão.

Podemos enumerar quatro motivações que teve Santo Isidoro para compor as *Etimologias* (Fontaine, 2002). A primeira delas diz respeito à formação dos nobres e clérigos que a ele estavam submetidos; Santo Isidoro viveu em um contexto de pouco letramento em que a formação dos clérigos era bastante difícil (Feldman, 2009). É sabido que a primeira versão das *Etimologias* foi enviada ao rei visigótico Sisebuto, seu discípulo e amigo, em resposta a um pedido por uma obra que pudesse lhe trazer informações variadas, já que suas obrigações como rei o impediam de ter uma vida de intelectual. Com esta obra, Santo Isidoro compôs uma espécie de “manual prático” para aproximar o conhecimento daqueles que, por estarem em certo grau de dignidade e poder, precisavam de uma formação adequada. Com este objetivo o Bispo de Sevilha usa uma técnica conhecida como “abreviação”, semelhante a um procedimento escolar que reduz o conhecimento a fórmulas concentradas e mais facilmente memorizáveis, prática comum desde a época helenística (Díaz y Díaz, 2004).

A segunda motivação está ligada a um ideal cristão de saber total. Santo Agostinho teria escrito que seria justo que aqueles que tivessem possibilidade de se dedicar ao conhecimento das coisas do mundo o fizessem, pois isto ajudaria na própria interpretação das escrituras e na cultura geral dos cristãos. Parecia claro para Santo Isidoro, como para outros pensadores cristãos, que o conhecimento geral era um complemento importante para a fé. Por este ângulo, é fácil perceber que, para a cultura cristã em desenvolvimento, conhecer a “obra” (o mundo) era uma via de grande valor para se conhecer o “artista” (Deus).

Uma terceira motivação, que a princípio parece menos importante, mas que é fundamental na obra de Santo Isidoro, diz respeito ao resgate e correção do latim. Na Bética da passagem do século VI para o VII, onde está situado

Borges, Rilton Ferreira.  
As bases do saber nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

Santo Isidoro, o latim já havia recebido profundas influências, sobretudo das línguas locais mais antigas (Batany, 2002), assim como das línguas germânicas trazidas pelos visigodos, além de alguma influência dos bizantinos ali presentes. Esta última, apesar de ser a menos importante, foi tida por Santo Isidoro como a principal e mais danosa. A boa fala e escrita do latim foi um dos objetivos das *Etimologias*, pois, sendo a palavra a principal fonte de saber, é necessário que ela seja preservada. A língua é o meio pelo qual a palavra se propaga e, deste modo, é necessário que o meio esteja em boas condições. Ao se deteriorar a língua, deteriora-se a palavra, e esta pode perder sua característica fundamental: levar a essência do objeto que denomina.

Uma última motivação diz respeito à curiosidade pessoal de Santo Isidoro sobre o conhecimento tido como pagão, que poderia ser visto como supérfluo para um Bispo com sua importância. Porém, este “passatempo” tinha uma fundamentação, como foi afirmado anteriormente, em Santo Agostinho, que justificava o interesse nos saberes diversos como forma de auxiliar na compreensão das Sagradas Escrituras.

A primeira versão das *Etimologias* foi a resposta de Santo Isidoro ao pedido de Sisebuto, sendo uma obra “a respeito da origem de algumas coisas”. Esta obra foi escrita já num período de maturidade de Santo Isidoro, sendo também a mais importante em volume e ambição literária (Fontaine, 2002), além de ser aquela que mais lhe conferiu prestígio posteriormente (Díaz y Díaz, 2004). A segunda versão, ainda inacabada, foi enviada a São Bráulio, bispo de Zaragoza, amigo e discípulo de Santo Isidoro. Esta obra estava dividida em temas, e como notícia São Bráulio, era bastante extensa. O discípulo, então, decidiu dividir a obra em 15 livros, sendo esta a terceira versão. Posteriormente, a obra foi dividida em 20 livros (talvez pelos copistas), sendo esta a versão que conhecemos hoje.

Os vinte livros da atual divisão são os seguintes:

1. Sobre a Gramática
2. Sobre Retórica e Dialética
3. Sobre Matemática
4. Sobre Medicina
5. Sobre as leis e os tempos
6. Sobre os livros e os ofícios eclesiásticos
7. Sobre Deus, os anjos e os santos
8. Sobre a Igreja e outras religiões
9. Sobre línguas, povos, reinos, milícia, cidades e parentesco
10. Sobre a etimologia de palavras diversas
11. Sobre o homem e seres prodigiosos

Borges, Rilton Ferreira.  
As bases do saber nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

12. Sobre animais
13. Sobre o mundo e suas partes
14. Sobre a terra e suas partes
15. Sobre cidades, edifícios e campo
16. Sobre pedras e metais
17. Sobre agricultura
18. Sobre guerra, espetáculos e jogos
19. 19 Sobre naves, edifícios e vestimentas
20. Sobre comida, bebida e utensílios

Na *Introducción General* que fez para uma das edições das *Etimologias* em espanhol, Manuel C. Díaz y Díaz classificou os livros desta forma: 1, gramática; 2, retórica e dialética; 3, aritmética, geometria, música, astronomia; 4, medicina; 5, direito e cronologia; 6, 7 e 8, teologia e cânones; 9, política; 10, lexicologia; 11 e 12, zoologia; 13 e 14, geografia; 15, arquitetura; 16 mineralogia; 17, agricultura; 18, arte militar; 19, marinha; 20, artes e ofícios. Esta divisão é bastante útil, pois ajuda ao leitor a identificar do que tratam alguns livros, mas corre o risco de uma simplificação, como quanto aos livros 13 e 14, que tratam de geografia, mas abrangem uma cosmovisão que vai além da geografia como a conhecemos hoje, aproximando-se da física ao descrever fenômenos e tentar explicá-los.

Buscando uma classificação mais completa dos livros das *Etimologias*, tentamos uma nova classificação que não se propõe como definitiva, mas apenas instrumental, procurando identificar, em cada livro, os tipos de saberes tratados. O resultado é a seguinte tabela:



Borges, Rilton Ferreira.  
As bases do saber nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

Tabela 1

Livros	<i>Trivium</i>	<i>Quadrivium</i>	Conhecimento “humano”	Conhecimento “divino”	Compreensão do mundo	Aplicação do conhecimento
1	X		X			
2	X		X			
3		X	X			
4			X		X	X
5			X		X	X
6				X		
7				X		
8				X		
9			X		X	
10			X			
11			X	X	X	
12			X		X	
13			X	X	X	
14			X	X	X	
15			X		X	X
16			X		X	
17			X		X	X
18			X			X
19			X			X
20			X			X

Autoria da tabela: Rilton Ferreira Borges

Esta divisão, que inicialmente pareceu bastante plausível, acabou mostrando-se frágil, especialmente pela dificuldade em definir o que são “conhecimento humano”, “conhecimento divino”, “compreensão do mundo” e “aplicação do conhecimento”. Mesmo assim, algumas informações nela presentes podem ser utilizadas para levantar algumas questões. O que chamamos de “conhecimento divino” (que aqui se refere às “coisas de Deus”) ocupam o centro da obra, entre os livros 6 e 14. Já o *Trivium* e o *Quadrivium* ocupam o início da obra, distribuídos nos três primeiros livros, ao passo que os “conhecimentos aplicados” estão no final da obra. Estas informações podem sugerir que, como proposta para o conhecimento, Santo Isidoro reserve ao “conhecimento divino” um lugar central, ao passo que o *Trivium* e o

Borges, Rilton Ferreira.  
As bases do saber nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

*Quadrivium* sejam a base do conhecimento, e por isso venham primeiro. Já os “saberes aplicados” ficam por último, pois são consequência da reflexão que passa pelos saberes básicos e pelos saberes “religiosos”.

Uma última divisão, que agora nos parece a mais precisa, talvez por ser a mais simples, divide as *Etimologias* em quatro partes, e foi proposta por Fontaine (2002). Estas quatro divisões seguem uma ordem linear e parecem mostrar qual a proposta de Santo Isidoro para se chegar ao conhecimento pleno.

O primeiro bloco abrange os primeiros cinco livros que, além do *Trivium* e do *Quadrivium*, abordam a medicina e o direito (sendo que o final do livro 5 faz uma espécie de resumo da História, desde a origem do mundo até o reinado de Sisebuto). Este bloco lembra a ideia de Varrão sobre as nove (e não sete) disciplinas fundamentais: gramática, retórica, dialética, aritmética, geometria, música, astronomia, medicina e direito. Este conjunto, aliado à cronologia que encerra o livro 5, deve ser entendido como uma espécie de resumo que introduz os saberes necessários para que o leitor possa prosseguir no estudo da obra, que seguirá uma ordem “decrecente”, desde a religião até os aspectos mais simples do cotidiano.

A segunda parte da obra é composta pelos três livros “religiosos” (6, 7 e 8), partindo dos “saberes sagrados”, passando por Deus e as “pessoas espirituais”, chegando à Igreja e outras religiões. Podemos dizer, a partir desta proposição de Fontaine, que esta segunda parte leva o leitor da Revelação a Deus, passando pelos ofícios eclesiásticos, e de Deus à Igreja, passando pelos anjos e santos, ou seja, há intermédios no caminho que leva a Deus.

A terceira parte inclui o livro 9 e os livros de 11 a 14. O livro 10, por estar deslocado, talvez tenha sido escrito à parte e incluído posteriormente, mas por tratar especificamente de etimologias de palavras, acabou ocupando um lugar central na obra. Este terceiro bloco trata do homem e da natureza animada, começando por uma “antropologia social”, passando por uma “antropologia física”, em seguida classificando os animais numa distribuição que lembra a de Gênesis, terminando pela exposição de uma cosmovisão que concilia o religioso e o fantástico.

O último bloco trata da civilização material, e inclui os livros de 15 a 20, tendo em vista a totalidade dos saberes: religiosos, sobre o mundo e sobre o trabalho.

Mais do que um simples trabalho de justaposição, a forma com que as *Etimologias* foram compostas mostram um projeto intelectual, no qual há um

Borges, Rilton Ferreira.  
 As bases do saber nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

caminho para que se chegue à plenitude do conhecimento. Este projeto, na visão de Feldman (2009), tem um formato “piramidal”, com a gramática na base, a exegese no centro e a Teologia no topo. Ainda que possamos concordar que o conhecimento em Santo Isidoro parta da gramática como base e tenha como objetivo um saber “divino”, pensar uma relação “piramidal” pode causar a sensação de um “afunilamento”, em que o conhecimento superior é menor do que o inferior, quando para Santo Isidoro o ideal seria pensar justamente no contrário: a base como ponto de partida para algo mais amplo. Por isso, ao invés da imagem de uma pirâmide, podemos pensar o projeto educacional de Santo Isidoro como um percurso a ser percorrido.

### 3. Estrutura dos livros do bloco inicial

#### *Livro I: Sobre Gramática*

O primeiro livro das *Etimologias*, denominado “Sobre a Gramática” é composto por 44 capítulos que podemos dividir da seguinte forma: Introdução geral (1 a 5); Sobre a oração (6 a 14); Sobre os sinais e seu uso (15 a 27); Sobre o conhecimento a partir das palavras (28 a 31); Sobre os erros na linguagem (32 a 34); Sobre as figuras de linguagem (35 a 37); Sobre o uso da linguagem (38 a 44). Esta divisão proposta parte da intenção de se demonstrar o caminho pelo qual Santo Isidoro propõe para se chegar a um conhecimento específico, no caso, a Gramática.

Como “Introdução Geral” podemos entender os capítulos que tratam dos saberes fundamentais para a compreensão do livro como um todo. Por extensão, como este é o primeiro livro da obra, podemos considerar que esta “introdução geral” sirva para as *Etimologias* de modo geral, não apenas para este livro, ou pelo menos de introdução geral para o primeiro bloco de livros (1 a 5, segundo a divisão de Jacques Fontaine). Ao definir o que é arte e o que é ciência, Santo Isidoro estabelece uma primeira noção fundamental: arte é algo discutível, ciência é algo que não cabe discussão ou, de maneira simplificada, uma é subjetiva, outra é objetiva. Além disso, Santo Isidoro associa “ciência” a “disciplina”, no sentido escolar do termo. Assim, as sete “disciplinas” liberais (tratadas no capítulo 2) são ciências e, portanto, objetivas. Ainda nesta “introdução geral” seguem os capítulos 3 e 4, que tratam das letras de modo geral, e das letras latinas, respectivamente, pois para Santo Isidoro, ao se conhecer as letras, pode-se aprender a falar bem (*Etimologias*, 1,5,1) Note-se que, para se falar bem, é necessário conhecer as letras, ou seja, não há diferença substancial entre a palavra falada e a escrita. Finalmente, o capítulo 5

Borges, Rilton Ferreira.  
As bases do saber nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

explica o que é a Gramática, “ciência que ensina a falar corretamente, e origem e fundamento das letras liberais” (Etimologias, 1,5,1), mas também “arte, porque se baseia em normas e regras da arte” (Etimologias, 1,5,2). Portanto, a Gramática tem um campo objetivo (ciência) e um campo subjetivo (arte).

No segundo bloco, temos os capítulos que tratam da oração. Esta é, podemos dizer, a célula da língua, já que a oração é um conjunto de palavras que produz sentido (Etimologias, 1,5,3). Letras, sílabas ou palavra isoladas que não produzem sentido algum seriam apenas componentes da língua, mas não aquilo que a torna expressiva. O capítulo 6 expõe as partes da oração, e os seguintes (7 a 14) tratam de cada uma das partes. Se entendermos cada uma destas partes como uma palavra (ou grupo de palavras dentro da oração), percebemos uma diminuição na escala de análise: da “célula” (a oração) para as “moléculas” (as palavras).

No capítulo 15, Santo Isidoro inicia a sequência seguinte do livro; após tratar da “célula” e de suas “moléculas”, o autor busca os “átomos”; o capítulo 15, muito curto, e que não passa de uma breve retomada do que foi escrito no capítulo 3, introduz uma discussão sobre os sinais da escrita e seus usos. Por “sinais” podemos compreender não apenas as letras, mas tudo aquilo que pode ser usado como representação para produção de sentido, na escrita, na fala ou em gestos. Assim, neste grupo de capítulos que propomos, estão colocadas as sílabas, os acentos e suas representações, a pontuação, as siglas e os sinais com os dedos. Para encerrar este bloco, está o capítulo 27, “Sobre a ortografia”, que trata da maneira correta de se escrever, mas também da pronúncia correta do latim. Assim, podemos perceber mais uma vez que Santo Isidoro não diferencia a palavra escrita da palavra falada.

O bloco seguinte é literalmente central neste capítulo: além de ser o quarto entre sete na divisão que propusemos, é também o que traz as formas de conhecimento a partir das palavras: a analogia, a etimologia, as glosas e as diferenças. Este bloco explica como, a partir de uma palavra, podemos conhecer outra por comparação (analogia e diferença), podemos conhecer sua origem e a origem daquilo que ela denomina (etimologia), ou ainda usar palavras para explicar o significado de outra (glosa). Interessante notar que são capítulos curtos, mas que expõem o que talvez poderíamos chamar de “método” para a produção desta obra de um modo geral.

O quinto bloco (capítulos 32 a 34) trata dos erros no uso da língua, opondo-se ao bloco anterior na medida em que confunde e prejudica o conhecimento, ao passo que o bloco anterior esclarece e auxilia na busca pelos saberes. O sexto bloco (capítulos 35 a 37) trata das figuras de linguagem, e se

Borges, Rilton Ferreira.  
As bases do saber nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

opõe ao quinto bloco por tratar de modificações virtuosas da língua, e não de erros por ignorância.

O último bloco (38 a 44) trata do que podemos chamar de aplicação dos saberes discutidos nos capítulos anteriores. Ainda nesta parte podemos identificar a diferenciação entre prosa e poesia, em seguida sobre história e fábula e, finalmente, alguns esclarecimentos sobre a origem, utilidade e tipos de história.

A partir desta divisão, propomos o seguinte “caminho” para se chegar ao conhecimento através da Gramática: noções gerais sobre o conhecimento em si; delimitação do que é o objeto tratado; identificação de suas partes; dentro das partes, identificação de unidades menores; conhecendo-se as unidades menores, possibilidades de conhecimento a partir dos saberes adquiridos; erros possíveis na utilização deste saber; modificações possíveis deste saber; aplicação prática dos saberes adquiridos, após a reflexão sobre seus diferentes aspectos. Podemos notar que esta sequência se aproxima bastante do que sugerimos anteriormente a respeito da estrutura da obra como um todo, o que reforça a hipótese de que o itinerário para se alcançar um conhecimento particular, em Santo Isidoro, é semelhante ao itinerário para se chegar ao conhecimento pleno.

#### *Livro II: Sobre Retórica e Dialética*

Este livro é composto por 31 capítulos. A primeira divisão que se faz necessária e se apresenta de forma clara no texto de Santo Isidoro é entre os capítulos de 1 a 21, que tratam da retórica, e de 22 a 31, que tratam da dialética. Estes poderiam ser dois livros distintos, mas coube a quem os reuniu em um único livro a sensibilidade de perceber a estreita relação entre a retórica e a dialética apontada por Santo Isidoro.

No primeiro bloco de capítulos, que tratam da retórica, podemos estabelecer a seguinte divisão: introdução ao tema (capítulos 1 a 3); instrumentos do orador e suas virtudes (capítulos 4 a 18); manipulação viciosa das palavras (capítulos 19 e 20); manipulação virtuosa das palavras (capítulo 21). Com a retórica, Santo Isidoro não estabelece um caminho como o da gramática, indo em direção a partes cada vez menores, mas segue um modelo semelhante no que diz respeito à ideia de introdução, exposição dos componentes, erros que devem ser evitados, aplicação virtuosa dos conhecimentos.

Além disso, é importante ressaltar o quanto o bloco de capítulos de 4 a 18 se aproxima do direito, tratando de temas que devem ser conhecidos por

Borges, Rilton Ferreira.  
 As bases do saber nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

todos, mas de modo especial por aqueles que se dedicam à prática da justiça. Outro ponto a ser notado diz respeito ao capítulo 3, que estabelece três pontos que compõem a perícia, não apenas do orador, mas de qualquer um que deseje chegar a uma profissão: natureza, doutrina e prática.

No bloco que trata da dialética encontramos uma estrutura diferente daquela encontrada no Livro I e no bloco referente à retórica. Há certa unidade entre os capítulos, mas há uma divisão possível: introdução ao tema (capítulos 22 a 25) e componentes da dialética (25 a 31). Na introdução, Santo Isidoro define o que é dialética (“disciplina que expõe o fundamento das coisas”), diferencia dialética de retórica (a partir de Varrão, define que a dialética discute e a retórica ensina) e, finalmente, define o que é filosofia.

Cabe ao capítulo 24, “Sobre a definição de filosofia”, uma atenção maior. Para Santo Isidoro, filosofia “é o conhecimento das coisas humanas e divinas, acompanhado do desejo de levar uma vida irreprovável”. Tem dois componentes, a ciência e a opinião, e é dividida em três partes, filosofia natural (física), moral (ética) e racional (lógica). Tales de Mileto teria dividido a filosofia natural em aritmética, geometria, música e astronomia (a origem do *Quadrivium*). Sócrates teria dividido a ética em quatro virtudes: prudência, justiça, fortaleza e temperança (as quatro virtudes cardeais do cristianismo). E Platão teria dividido a lógica em dialética e retórica (componentes do *Trivium*). Temos aqui as bases tanto do que podemos chamar de ciência quanto da leitura das Escrituras, ou seja, as bases para um conhecimento pleno.

Por que, então, Santo Isidoro não inicia as *Etimologias* com a definição de filosofia, ao invés de falar sobre a gramática? Uma resposta possível seria pelo fato de que, para se compreender o que é filosofia, mesmo sendo ela, em verdade, a unidade dos saberes básicos, é necessário que se conheça as palavras (gramática), que se saiba como usá-las (retórica) e que se saiba como expor o fundamento das coisas (dialética), para apenas então se conhecer o que se está por trás disso. É necessário conhecer primeiro os mecanismos de conhecimento para que então se possa compreender seu funcionamento, da mesma forma que uma criança precisa aprender a falar para depois entender como as palavras são formadas. Mesmo a filosofia sendo a origem de todos os saberes, é necessário que se conheça alguns saberes básicos para que se possa compreender o que é a filosofia. Retomando a “pirâmide” de Feldman (2009), aqui podemos demonstrar o motivo de a gramática ser a “base” de um projeto educacional, sem a qual os demais conhecimentos são “insustentáveis”.

Entre os capítulos seguintes é possível destacar a espécie de “bibliografia complementar” que Santo Isidoro indica no capítulo 28. Tratando dos componentes da Dialética, o sevilhano conclui a parte das *Etimologias*

Borges, Rilton Ferreira.  
As bases do saber nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

referente ao *Trivium*, que podemos associar à filosofia racional (ou lógica), seguindo o raciocínio proposto pelo próprio autor no capítulo 24 deste livro.

### *Livro III: Sobre a Matemática*

O terceiro livro das *Etimologias*, chamado “Sobre a Matemática” é composto por um prefácio e 71 capítulos. No prefácio, Santo Isidoro define a matemática como “a ciência que tem por objeto o estudo da quantidade abstrata”. A quantidade é abstrata quando é isolada da matéria e dos acidentes (qualidades). Os 71 capítulos podem ser divididos segundo as quatro disciplinas matemáticas: de 1 a 9, aritmética; de 10 a 14, geometria; de 15 a 23, música; de 24 a 71, astronomia.

O primeiro ponto a nos chamar a atenção é o fato de que nos capítulos de 1 a 14 a divisão entre as disciplinas não é muito clara, sendo o capítulo 8, por exemplo, o que estabelece a diferença entre aritmética, geometria e música. Podemos, porém, colocá-lo no bloco referente à aritmética, pois para Santo Isidoro, a aritmética “é a ciência dos números” (capítulo 1), da qual dependem todas as outras disciplinas matemáticas. Além disso, a diferença que estabelece entre geometria, aritmética e música está relacionada à forma como estas disciplinas usam os números.

O número, no pensamento de Santo Isidoro, “é uma pluralidade constituída de unidades” (capítulo 2), de modo que o “um” não é um número, mas a origem do número. Os números têm grande relevância para a compreensão do mundo, pois segundo as escrituras, Deus criou tudo com medida, número e peso. (Sb. 11,20). A partir desta afirmação, contida no capítulo 4, podemos observar que no pensamento isidoriano as quantidades e dimensões são características inerentes à criação, têm existência, e não abstrações humanas para compreender a realidade. Os números, portanto, estão na natureza, não foram criados pela mente humana (Beaujouan, 2002).

Nos capítulos 5, 6 e 7, Santo Isidoro estabelece as diferenças entre os números e as classificações possíveis. No capítulo 8, como já foi referido, estabelece a diferença entre aritmética, geometria e música, tomando como base as diferentes formas com que cada uma destas disciplinas calcula as médias. O capítulo 9 trata do infinito, e constata que cada número é finito, mas o conjunto de todos os números é infinito. Podemos afirmar que este primeiro grupo de capítulos, mais do que se referir à aritmética, fornece as bases para a compreensão das disciplinas matemáticas, o *quadrivium*, em geral, pois trata daquilo que é básico para o pensamento matemático: o número. O número seria, então, comparável à palavra, fundamento do *trivium*.

Borges, Rilton Ferreira.  
As bases do saber nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

Com o capítulo 10 inicia-se a geometria, falando de sua origem, atribuída aos egípcios, como a disciplina que media as terras inundadas pelo Nilo, explicação buscada na etimologia da palavra (*geo = terra; metria = medida*). Seus conteúdos são as linhas, distâncias, extensão e figuras. O capítulo 11 divide a geometria em quatro partes: plano, extensão numerável, extensão racional e figuras sólidas. O capítulo 12 fala sobre as diferentes figuras geométricas, e o 13 fala dos números geométricos, retomando o que no capítulo 8 se refere à média geométrica. Conclui a parte que trata da geometria descrevendo numericamente diferentes figuras no capítulo 14.

O capítulo 15 inicia o bloco referente à música, definida como “destreza na modulação, consistente no som e no canto”, cujo nome derivaria de “musa”. No capítulo 16, busca as origens da música, estabelecendo inventores: segundo Moisés, foi Túbal, da estirpe de Caim; para os gregos, foi Pitágoras; outros, ainda, afirmam que teria sido Lino, Zeto ou Anfión. Para Santo Isidoro, a música ganhou, com o tempo, importância semelhante à da escrita, como forma de expressão.

O capítulo 17, “Que poder tem a música” atribui ainda mais importância a esta disciplina: “nenhuma disciplina pode ser perfeita sem a música”; o próprio mundo seria composto com harmonia de sons e, além disso, a música é capaz de mover afetos e provocar sensações. A música, portanto, é parte essencial da vida, de suma importância para a compreensão do mundo, pois é expressão da harmonia do universo. Não é, portanto, mero deleite ou diversão: é também forma de conhecimento através da contemplação daquilo que é harmonioso.

Os capítulos 18 e 19 referem-se às partes da música (harmônica, rítmica e métrica) e à divisão desta segundo a natureza dos sons: harmônica (voz), orgânica (ar, sopro) e rítmica (pulsação). Os capítulos 20, 21 e 22 tratam destes três tipos de música, dando exemplos de instrumentos musicais e seus usos. O capítulo 23 trata dos números na música, retomando o que no capítulo 8 se refere à média musical.

A astronomia aparece a partir do capítulo 24 e ocupa o restante do livro. Este bloco de capítulos chama a atenção por seu tamanho (muito maior que os demais), justificado por sua importância: é a primeira referência nas *Etimologias* à cosmovisão de Santo Isidoro. Estes capítulos tratam de assuntos de suma importância para a compreensão do mundo.

O capítulo 24 define a astronomia como a “lei dos astros”, estudando “até onde a razão alcança” o curso dos astros, as figuras e relações das estrelas entre si e com a terra. Os capítulos 25 e 26 tratam dos inventores e dos



Borges, Rilton Ferreira.  
As bases do saber nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

mestres da astronomia, respectivamente. Santo Isidoro expõe possíveis inventores, sem afirmar com certeza qual deles tenha sido (justaposição de informações): podem ter sido os egípcios, os caldeus, Moisés ou Atlante. Mas, para o bispo de Sevilha, mais importante do que afirmar quem inventou a astronomia, é ressaltar que foram “sua curiosidade e caráter investigador que levaram a descobrir a astrologia” (sic). Até aqui, Santo Isidoro usa *astrologia* e *astronomia* indiscriminadamente, reservando para o capítulo 27 a diferenciação entre os dois termos. Ainda no capítulo 26, destaca Ptolomeu de Alexandria, dentre autores de várias línguas, como aquele que estabeleceu as leis que possibilitam calcular o curso dos astros.

No capítulo 27, ao contrário do que se poderia supor, Santo Isidoro não faz uso da etimologia para explicar a diferença entre astronomia e astrologia. Astronomia teria como conteúdo o movimento circular do céu, o movimento dos astros e seus nomes. Já a astrologia seria em parte natural e em parte supersticiosa. Em suma, não haveria diferença entre os conteúdos das duas disciplinas, podendo-se dizer até que são a mesma disciplina, mas a astrologia faria um uso errado de seus objetos de estudo, o que ficará mais claro em outro capítulo. O capítulo 28, “Sobre a teoria astronômica” expõe algumas questões que a astronomia busca resolver.

Segue-se uma sequência de capítulos que tratam de pontos específicos dentro da astronomia (capítulos 29 a 59): sobre o mundo e seu nome, sobre a forma do mundo, sobre o céu e seu nome, sobre o lugar que ocupa na esfera celeste, sobre o movimento desta esfera, sobre o curso desta esfera, sobre a velocidade do céu, sobre o eixo do céu, sobre os polos celestes, sobre os cardos do céu, sobre as curvaturas do céu, sobre as portas do céu, sobre a dupla face do céu, sobre as quatro zonas do céu, sobre os hemisférios, sobre os cinco círculos do céu, sobre o círculo do zodíaco, sobre o círculo branco, sobre a magnitude do sol, sobre o curso do sol, sobre o efeito do sol, sobre o curso do sol, sobre a luz da lua, sobre a formas da lua, sobre os interlúnios, sobre o curso da lua, sobre a proximidade da lua à terra, sobre o eclipse solar, sobre o eclipse da lua.

Deste bloco de capítulos podemos extrair que Santo Isidoro entendia os movimentos celestes como um todo harmônico, sendo o céu composto por várias esferas que se moviam segundo uma ordem que garantia à terra as condições mais apropriadas de vida. Neste bloco cabe também destacar o interessante debate sobre a origem da luz da lua, no qual Santo Isidoro tende a concordar com aqueles que afirmam que a luz da lua provém do sol, mas sem descartar a possibilidade de ela ter luz própria.

Borges, Rilton Ferreira.  
 As bases do saber nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

No capítulo 60 Santo Isidoro diferencia estrelas, constelações e astros: estrela seria um corpo particular, constelações seriam grupos de várias estrelas e astros seriam estrelas grandes. Porém, os exemplos que Santo Isidoro usa como astros são na verdade, como sabemos hoje, constelações. Os capítulos 61 e 62 tratam das estrelas, que não teriam luz própria, mas como a lua, seriam iluminadas pelo sol, além de estarem fixas no céu, não se ocultando nunca, apenas sendo ofuscadas pelo brilho do sol durante o dia.

Os capítulos de 63 a 70 tratam dos astros. Alguns teriam movimento próprio, outros seriam arrastados pelo movimento da esfera celeste. Devido às diferentes distâncias, alguns astros podem parecer menores ou maiores, mais ou menos brilhantes do que são na realidade, quando comparados a outros astros. Os planetas seriam astros com órbitas erráticas (o termo “errático” poderia ser entendido tanto no sentido de “errado” como no sentido de “errante”). São descritos, também, os diferentes movimentos dos astros.

O capítulo 71 encerra o livro e a sequência “*trivium - quatrivium*” composta pelos três primeiros livros das etimologias. Este capítulo começa como uma espécie de “dicionário etimológico” dos nomes dos astros, fala sobre estrelas cadentes e descreve as posições de alguns corpos celestes. Em seguida, explica e condena a origem pagã das superstições relativas aos corpos celestes, citando autores pagãos, como Aristóteles e Platão, que também as criticavam. Explica também as origens dos nomes do zodíaco, relacionados a estas superstições.

A estrutura deste livro, como podemos perceber, guarda importantes diferenças com relação aos livros anteriores. Podemos estabelecer que os blocos referentes à aritmética, geometria e música têm uma estrutura mais simples: definição, utilidade/importância. O bloco referente à astronomia se aproxima mais dos livros 1 e 2: origem, definição, partes/aplicação, mau uso/vícios a evitar. Pode-se sugerir desta observação que os temas tratados com uma estrutura mais complexa ganham maior peso dentro da obra. Assim, entre as disciplinas do *trivium* a gramática é a mais importante, enquanto no *quatrivium* a astronomia se destaca; a primeira por ser a “base” do conhecimento, a última por formatar uma visão de mundo, também fundamental para se ter um conhecimento pleno da Criação e do Criador.

#### *Livro IV: Sobre a Medicina*

O quarto livro das Etimologias é composto por 13 capítulos. Podemos dividi-los a seguinte forma: definição e contextualização (1 a 4); objetos (5 a 8); instrumentos (9 a 12) e conclusão (13). No primeiro bloco de capítulos, Santo Isidoro define a medicina como “a ciência que protege ou restaura a saúde do

Borges, Rilton Ferreira.  
 As bases do saber nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

corpo”, dizendo respeito a ela não apenas os remédios, mas também a comida, a bebida, as roupas e o abrigo, ou seja, tudo aquilo que serve para defender ou proteger o corpo. No fundo está a concepção de que a cura se relaciona com a restauração da energia vital e, portanto, teria origem mais divina do que farmacológica (Pouchelle, 2002). Em seguida, busca a origem do nome “medicina” no termo “medida”, ou seja, moderação, concluindo que o excesso leva à doença. A medicina teria sido criada por Apolo, desenvolvida por seu filho Esculápio e retomada por Hipócrates. Por isso, as três escolas médicas estão ligadas a estes três “fundadores”: a escola metódica estaria ligada a Apolo, a empírica a Esculápio e a lógica a Hipócrates. Nestas escolas percebemos certa evolução: a medicina passou da lida com a mera existência das doenças (Apolo) para a experimentação (Esculápio), chegando ao uso da razão para seu tratamento e prevenção (Hipócrates).

Os capítulos de 5 a 8 tratam da origem e tipos de enfermidades. Todas elas estão ligadas aos quatro humores (sangue, bÍlis, melancolia e flema), sendo a saúde o equilíbrio entre eles. Diferencia doenças agudas (que são curadas ou matam rapidamente) das doenças crônicas (prolongadas), dando vários exemplos e buscando as etimologias dos nomes de cada doença, o mesmo que faz com as enfermidades que aparecem na superfície do corpo, às quais dedica um capítulo próprio.

Em seguida, Santo Isidoro passa para aquilo que auxilia o médico: remédios, livros de medicina, instrumentos médicos, perfumes e unguentos. O autor busca na Bíblia provas para a serventia dos remédios, e estabelece três procedimentos curativos: farmácia, cirurgia e dieta (remédios, intervenção e alimentação). Em seguida, forma uma espécie de bibliografia médica, baseada sobretudo em autores gregos, como Hipócrates. Finalmente, descreve e busca a etimologia de instrumentos médicos, explicando sua utilidade, bem como o uso de perfumes e unguentos com fins medicinais.

No capítulo 13 Santo Isidoro define a medicina como uma ciência fundamental, o que explica o fato de muitos autores quererem classificá-la como uma das artes liberais. Entretanto, Santo Isidoro conclui que, ao passo que as artes liberais estudam matérias particulares, a medicina abarcaria todas elas (*Etimologias*, 4,13), sendo necessário ao médico o conhecimento do *trivium* e do *quadrivium* como um todo. Por este motivo, a medicina seria uma segunda filosofia, pois a filosofia cura a alma (como podemos extrair da conclusão do livro 3), e a medicina cura o corpo. Associando a saúde do corpo à saúde da alma, conclui-se o livro 4.

*Livro V: Sobre as leis e os Tempos*

Borges, Rilton Ferreira.  
As bases do saber nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

Este livro conclui o que chamamos de “saberes básicos” na obra de Santo Isidoro. Segundo a divisão de Fontaine (2002), estes saberes são o *trivium* (livros 1 e 2), o *quadrivium* (livro 3), a medicina (livro 4) e o direito (capítulos 1 a 27 do livro 5). Contudo, podemos considerar também a história (capítulos 28 a 39) como um destes saberes fundamentais, apesar do caráter aparentemente secundário que ela apresenta nas *Etimologias*.

Nos capítulos de 1 a 27 deste livro, podemos considerar a seguinte divisão: origem e definições (1 a 3); divisões (4 a 9); objetos (10 a 27), sendo que entre os objetos temos as leis, os crimes e as penas.

Santo Isidoro considera Moisés o primeiro a redigir leis divinas; já as leis humanas, em diferentes povos, têm diferentes precursores. Atribui às leis antigas certa importância, pois mesmo aquelas que já estão em desuso devem ser conhecidas.

Ainda no primeiro bloco, o bispo de Sevilha diferencia as leis divinas das leis humanas, sendo que as leis divinas têm origem na natureza, e as humanas nos costumes, o que explica guardarem diferenças entre os povos. Estabelece também a diferença entre justo (divino) e legal (humano). Finalmente, diferencia direito (nome genérico) de lei (disposição escrita) e costume (que substitui a lei quando esta falta). A lei precisa estar de acordo com a razão, com a religião, com a doutrina e ser útil à salvação (*Etimologias*, 5,3). Como nos lembra Chiffouleau (2002), esta combinação entre “lei” e “costume” teve grande sucesso.

O segundo bloco de capítulos estabelece diferentes tipos de direito. A primeira divisão possível é entre direito natural, direito civil e direito das gentes. O direito natural é comum a todos os povos e instituído pela natureza (como a união homem e mulher); o direito civil é estabelecido por cada povo ou cidade, segundo critério divino ou humano; o direito das gentes tem vigência em quase todos os povos e seria comparável ao atual direito internacional. Seguem as definições de direito militar (disposições da hierarquia militar e da guerra), direito público (refere-se a coisas sagradas, sacerdotes e magistrados) e o direito quirritário (direito dos romanos, que é vigente apenas para eles).

O terceiro bloco estabelece uma série de definições dos objetos do direito. A mais importante é a do capítulo 10, que define lei como “organização legal do povo, sancionada por anciãos junto com a plebe” (*Etimologias*, 5, 10). Ou seja, a lei é uma regra estabelecida com a participação de todos que pertencem à sociedade. Seguem-se as definições de plebiscito (normas estabelecidas pela plebe), senadoconsulta (decisão tomada pelo

Borges, Rilton Ferreira.  
As bases do saber nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

Senado tendo em vista o bem do povo), constituição e edito (norma ditada pelo rei ou imperador) e respostas dos sábios (resposta de jurisconsulto a quem pediu parecer). Em seguida, fala-se sobre algumas leis: consulares e tribunícias (há leis que recebem o nome de quem as promulgou), “satura” (quando trata de muitas coisas ao mesmo tempo), ródias (comércio marítimo) e privilégios (“leis privadas”, referentes a algumas pessoas).

Ainda no terceiro bloco há algumas considerações sobre as leis: toda lei proíbe ou permite algo, ou ainda castiga, moderando a vida humana (capítulo 19); as leis são ditadas para que se reprima a audácia humana e se proteja a inocência (capítulo 20); toda lei deve ser honesta, justa, possível de acordo com a natureza, em consonância com os costumes da pátria, apropriada ao lugar e tempo, necessária, útil, clara, não ditada para benefício particular, mas para o bem comum (capítulo 21).

Em seguida, Santo Isidoro trata das causas judiciais, testemunhas, instrumentos legais e “coisas” (“aquilo que está em nosso direito”), tratando também das diferentes formas de posse, empréstimo, aluguel, etc. Conclui este bloco tratando dos crimes (“crime” deriva de “carecer”) e das penas estabelecidas na lei, onde aproveita para falar sobre o mal: “a palavra ‘mal’ tem um duplo significado: o que um homem pode fazer ou sofrer. O mal que faz é um pecado, e o que sofre é um castigo”. Desta forma, é possível compreender porque o mal realizado precisa de um castigo: sofrer um mal é uma forma de reparar o mal realizado. Deste bloco podemos concluir que o conhecimento das leis está entre os fundamentais porque diz respeito ao modo correto de agir. Todo conhecimento prévio precisa ser praticado segundo a justiça e a lei para que não gere uma ação viciosa.

Com o capítulo 28, “Sobre o termo ‘crônica’”, inicia-se a parte referente à História neste livro. “Crônica” é o nome grego para “sucessão de tempos”, e por isso podemos associá-lo ao que hoje chamamos de História.

Os capítulos seguintes tratam das divisões do tempo e formas de contá-lo: momento é o tempo mais curto, cujo nome deriva do movimento dos astros, sendo a menor fração da hora. Hora é um limite de tempo. Dia refere-se tanto ao período em que o sol está sobre a terra, quanto ao período de 24 horas que compreende todo o curso do dia e da noite no movimento de rotação do céu. Diferentes povos marcavam de formas diferentes o início do dia (início da manhã, final da tarde, etc.), assim como atribuíam nomes diferentes aos dias da semana. Santo Isidoro recomenda que o cristão use os nomes dos dias usados pela Igreja, ao invés dos nomes de dias atribuídos aos deuses pagãos ou aos astros. A noite tem seu nome a partir de “nocivo”, pois a escuridão faz mal aos olhos; serve para o descanso. A semana tem seu nome

Borges, Rilton Ferreira.  
As bases do saber nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

associado ao número sete (hebdômada, septímana), e sua repetição completa os meses, os anos e os séculos. Os meses têm seu nome derivado da lua (*méne* em grego), pois os hebreus contavam os meses tendo a lua, e não o sol, como base. Em seguida, Santo Isidoro busca as etimologias dos nomes dos meses.

Continuando, Santo Isidoro fala sobre os solstícios e equinócios e sobre as estações do ano. Trata, então, dos anos, que define como “retorno do sol, após 365 dias, ao mesmo lugar que ocupava entre as estrelas” (*Etimologias*, 5, 36), sem deixar de mencionar que o termo “ano” pode se referir também à revolução da lua ou de qualquer planeta. Os “agrupamentos” de anos podem ser olimpíadas (4 anos), lustrós (5 anos) ou jubileus (50 anos). Já os séculos podem se referir a diferentes períodos, sendo que alguns denominam o 50º ano como século. O termo idade é empregado às vezes como 1, 7, 100 anos ou qualquer duração. Pode ser aplicado ao homem (infância, juventude, velhice) ou ao mundo, sendo esta última aplicação à que melhor se refere à História.

No capítulo 39, Santo Isidoro trata da divisão dos tempos em idades, estabelecendo seis idades para o mundo: da criação do mundo ao dilúvio (2242 anos); do dilúvio a Abraão e a invenção da magia por Zoroastro (ano 3184); de Abraão a Samuel e Saul; época de Homero (ano 4124); de Davi e fundação de Cartago por Dido a Sedequias e o incêndio do Templo (ano 4609); dos hebreus cativos e Judite a Júlio César (ano 5154); de Otaviano e nascimento de Jesus ao momento presente (ano 5857).

O principal marco temporal para Santo Isidoro são os grandes homens, como personagens bíblicos, reis e imperadores. As notas presentes na edição utilizada como fonte das *Etimologias* alerta para erros cronológicos, mas consideram que estes erros devem ser atribuídos mais aos copistas do que a Santo Isidoro.

Qual seria o papel da História logo após os saberes tidos como básicos nas *Etimologias*? Talvez um olhar sobre o mundo, buscando compreender como o plano de Deus se desenvolve ao longo dos tempos. Para o cristianismo os marcos temporais são de extrema importância, sendo a tradição judaico-cristã a primeira a estabelecer eventos históricos como referencial para seus cultos (êxodo, nascimento de Cristo, etc.). A História, portanto, não pode ser compreendida como mera descrição, satisfação de curiosidade, ou ainda como mera erudição. A História, mesmo sendo associada no Livro I a um estilo literário, deve ser compreendida como uma forma de saber, localizada entre os saberes básicos, além de fonte de exemplo para as gerações seguintes.

Borges, Rilton Ferreira.  
As bases do saber nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

No próprio livro 5, ao tratar do direito, Santo Isidoro estabelece que as leis devem ser apropriadas ao lugar e tempo (*Etimologias*, 5, 21). Se as leis devem levar em conta o contexto temporal e espacial, podemos concluir que as leis, no pensamento de Santo Isidoro, são históricas. Da mesma forma as diferentes formas de se entender a medicina (primeiro metódica, depois experimental, por último lógica) seguem uma linha temporal.

No *trivium* e no *quadrivium* não encontramos esta dimensão histórica do pensamento por se tratarem de filosofia, ou seja, uma verdade universal, válida para todos os homens de todos os tempos, ligada à alma. Contudo, no direito, percebemos uma diferença importante entre direito natural (universal, dado pela natureza) e direito humano (particular a cada povo ou cidade): um é a-histórico, o outro histórico. Já a medicina, ligada ao corpo material, é histórica, ainda que leve em conta conceitos filosóficos universais.

Desta forma, concluímos que, para Santo Isidoro, são 10 os saberes básicos: Gramática, Retórica, Dialética, Aritmética, Geometria, Música, Astronomia, Medicina, Direito e História.

#### 4. Conclusão

Através dos livros das *Etimologias* aqui apresentados e analisados podemos perceber a preocupação de Santo Isidoro em tentar tornar acessível o conhecimento disponível em sua época. E, mais do que isso, uma proposta de como se chegar de forma mais fácil a este conhecimento. Um percurso que se inicia com as “sete artes liberais”, passa pela medicina e pelo direito e chega à história para se formar um conhecimento “básico”. Um caminho que, como podemos ver, não é linear, mas que busca relações entre diferentes áreas ao longo da exposição de cada uma. No fundo, as diferentes áreas do saber não são formas diferentes de conhecimento, mas partes de um mesmo saber de origem divina e revelado através das escrituras.

Este trabalho não tem a pretensão de definir uma chave de leitura definitiva para as *Etimologias*, mas pelo contrário, visa mostrar possibilidades de investigação sobre a obra. Mais do que conclusões, pretendemos apontar caminhos na pesquisa sobre este pensador e como sua prática estabelece conexões entre o mundo Antigo e o Ocidente Medieval no que diz respeito à produção, compilação e divulgação de saberes. Faz-se necessário, portanto, buscar novas metodologias de investigação para este campo tão vasto, e esperamos que este trabalho possa contribuir apontando algumas reflexões neste sentido.

Borges, Rilton Ferreira.  
As bases do saber nas *Etimologías* de Santo Isidoro de Sevilha  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

## Referências

### Fontes

Isidoro de Sevilha (2004). *Etimologías*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.

### Bibliografia

Batany, J. (2002). Escrito/Oral. In Le Goff, J; Schmitt, J-C. (Coords.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval* (pp. 383-395). Bauru, SP: EDUSC.

Beaujouan, G. (2002). Números. In Le Goff, J; Schmitt, J-C. (Coords.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval* (pp. 293-303). Bauru, SP: EDUSC.

Brito, A. de J. (1999). *O Quadrivium na obra de Isidoro de Sevilha*. Tese de Doutorado: UNICAMP.

Chiffolleau, J. (2002). Direito(s). In Le Goff, J; Schmitt, J-C. (Coords.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval* (pp. 333-351). Bauru, SP: EDUSC.

Díaz y Díaz, M. (2004). *Introducción General*. In *Isidoro de Sevilha, Etimologías*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.

Feldman, S. A. (2009). A dimensão do saber em Isidoro de Sevilha. *Notandum* (USP), v. 21, 13-21.

Fontaine, J. (2002). *Isidoro de Sevilla: Génesis y originalidad de La cultura hispánica en tiempos de los visigodos*. Madrid: Encuentro.

Lauand, J. (2005) A Matemática de Isidoro de Sevilha e a Educação Medieval. *Videtur* (USP), São Paulo, v. 30, 21-30.

Le Goff, J. (1995). *A Civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Estampa.

Luchsinger, M. E. M (2002). O Regnum Cristão Visigótico de Santo Isidoro de Sevilha. *Brathair* 2 (1), 29-35.

Pinto, L. C. G. (2008). *Do que se confia às letras: a ciência gramatical nas Etimologías de Santo Isidoro de Sevilha*. Dissertação de mestrado: UNICAMP.

Pouchelle, M-C. (2002). Medicina. In Le Goff, J; Schmitt, J-C. (Coords.), *Dicionário Temático do Ocidente Medieval* (pp. 151-166). Bauru, SP: EDUSC.



Borges, Rilton Ferreira.  
As bases do saber nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

Silveira, V. da C. (2007). *O conhecimento presente nas etimologias de Isidoro de Sevilha (560-636)*. Trabalho apresentado na VII Semana de Estudos Medievais na UFRJ.

**Recebido:** 20 de abril de 2012  
**Aprovado:** 05 de junho de 2012